

## UMA UNIVERSIDADE DO FUTURO SEM HUMANIDADES?<sup>1</sup>

HANS ULRICH GUMBRECHT, PhD  
Stanford University  
Stanford, California  
(sepp@stanford.edu)

**RESUMO:** A função específica que as ciências humanas poderiam ter na universidade seria o que eu chamo de pensamento de risco. E o que quero dizer com pensamento de risco? Quero dizer primeiro, e muito inspirado por Wilhelm von Humboldt, que se trata de um pensamento que produz perguntas e não respostas, e que faz o mundo parecer mais complexo e menos orientado para soluções. O pensamento de risco produz visões de mundo alternativas em vez de alimentar as visões de mundo já existentes. Em vez de reduzir a complexidade, o pensamento de risco tende a aumentá-la, criando novos problemas.

**Palavras-chave:** Universidade. Ciências Humanas. Ciência. Wilhelm von Humboldt. Mudança educacional. Pensamento de risco.

---

<sup>1</sup> Tradução de Claudia Regina Camargo e Greicy Pinto Bellin. Conferência realizada em Keio Research Center para a Liberal Arts, Japão, 2007. Publicada em língua espanhola na revista da Universidad Ort Uruguay, *Inmediaciones de la Comunicación*, v. 9, n. 9, p. 117-141, 2014, Tradução de Aldo Mazzucchelli.

## A FUTURE UNIVERSITY WITHOUT HUMANITIES?

**ABSTRACT:** The specific function that the humanities could have of the university should be what I call riskful thinking. Now what do I mean by riskful thinking? I mean in the first case, very much inspired by Wilhelm von Humboldt, that riskful thinking is the thinking that produces questions instead of answers. Riskful thinking is a thinking that makes the world look more complicated and less solution-oriented. Riskful thinking is a thinking that produces alternative world views instead of catering to existing world views. Instead of reducing, riskful thinking tends to increase the complexity of the world by creating new problems.

**Keywords:** University. Humanities. Science. Wilhelm von Humboldt. Changes in education. Riskful thinking.

Gostaria de começar pedindo desculpas por não falar japonês. Meu amigo Yasushi Ishii sabe que tentei aprender esta língua uma vez na minha vida, mas percebi que era tarde demais para acompanhar minha filha caçula, que começou a aprender quando tinha 13 anos. Eu percebi que um cérebro com mais de 55 anos simplesmente não é mais capaz de aprender tanto vocabulário em uma linguagem tão distinta da língua materna. Mas quero agradecer pelo convite e me sinto muito honrado de vir para Keio e ter a honra de falar na universidade onde meu amigo, agora colega Yasushi Ishii, está ensinando.

O futuro das ciências humanas e das artes na universidade será o tópico de minha palestra hoje, e antes de começar, deixem-me dizer-lhes que, especialmente com a formação alemã que eu tenho – eu nasci na Alemanha em 1948, país onde fui professor até os quarenta e um anos – provavelmente há coisas que nós compartilhamos sobre as humanidades.

Bem, se os livros de história que venho consultando estiverem corretos, eles afirmam que, no período Meiji, a universidade japonesa foi fundada de acordo com o modelo da universidade prussiana, do norte da Alemanha. Bem, quando o sistema universitário japonês adotou essa estrutura, as humanidades ainda não haviam se separado das ciências naturais. Então, nesse sentido, há algo muito claramente comum entre os sistemas universitários alemão e japonês.

Argumentarei e explicarei que a separação entre humanidades, artes e ciência, na Alemanha, transformou a primeira em “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*), o que deixou para as humanidades um trauma de nascimento da “perda de mundo”, e que esse trauma teve grandes consequências, as quais, em certa medida, experimentadas até hoje. Eu entendo que um dos problemas enfrentados pelas humanidades no Japão não está sendo levado a sério no ambiente científico. Os humanistas normalmente não dizem isso, mas é um problema sério: o quão “científicas” são as humanidades?

Gostaria de começar com três histórias da minha vida humilde como professor e acadêmico, e falarei com vocês sobre três livros que publiquei recentemente. Os três receberam comentários positivos, mas hoje eu quero falar dos comentários realmente negativos que meus livros receberam, porque acho que essas críticas ruins são sintomáticas do que está acontecendo nas humanidades hoje em dia. Um destes livros é intitulado *Vida e morte dos grandes romanistas*. Os "romanistas" são os filósofos especializados em línguas e culturas românicas, ou seja, todas as línguas que vêm do latim como francês, espanhol, italiano, entre outras, e suas literaturas. No livro eu usei as vidas de cinco grandes romanistas para refletir sobre a Alemanha, e um dos meus pontos foi descobrir por que os alemães, especificamente, eram tão romanticamente fascinados por essas culturas.

Alguns meses após a publicação do livro, recebi, de um periódico acadêmico muito científico chamado *Romanische Forschungen*, uma resenha devastadora escrita por um acadêmico austríaco, um linguista de sobrenome Hurch. Ele disse que eu havia abandonado todos os princípios da ciência e que ele tinha, portanto, perdido todo o direito de me chamar de cientista, de modo que pensei que devia ter cometido um erro em uma de minhas consultas, ou que talvez ele havia decidido conhecer alguns fatos, os quais realmente não sabia. Mas quando li a resenha, percebi que não foi o caso. Vou enumerar os três pontos principais que ofenderam meu colega porque acho que eles são sintomáticos.

Em primeiro lugar, o resenhador disse que, de fato, não me referi às realizações dos cinco romanistas para o estado atual da pesquisa – algo que é absolutamente verdade. Só que eu pensei ter advertido que não estava interessado em fazê-lo, e que a pesquisa daqueles romanistas era muito antiga e, portanto, irrelevante, e que eu estava fascinado apenas por suas vidas. Mas meu resenhador viu isso com maus olhos.

Em segundo lugar, ele protestou que eu não tinha citado todo o referencial teórico já existente sobre estes cinco romanistas, incluindo o dele próprio. Meu resenhador não explicou por que essas pesquisas, incluindo a sua própria, teriam

qualquer relação com meu propósito no texto em questão, mas tinha notado, de qualquer maneira, que eu não havia citado toda a literatura secundária existente sobre esses romanistas.

Em terceiro lugar, o Dr. Hurch ficou furioso porque eu teria feito alguns comentários ambíguos sobre a vida privada de um dos romanistas, austríaco como ele, o que não deixa de ser verdade. Eu mencionei o fato de que ele era um grande conquistador, que sempre teve relacionamentos amorosos com suas alunas, e mencionei como essa atitude o colocou em situações complicadas, algo que me pareceu interessante, mas que não representaram qualquer contribuição científica para a sociedade.

Mais recentemente, cerca de um ano atrás, publiquei um livro sobre um assunto completamente diferente, e que será traduzido para o japonês em breve. O título é *Elogio à beleza atlética*. Trata da estética do esporte, e algumas pessoas ficaram aborrecidas com este livro pelo fato de eu ter dito que, só para citar um exemplo, ver Ichiro tomar uma base de beisebol era uma questão de beleza. Tornei positiva essa afirmação, e o crítico disse que eu tinha sabido ser, anos atrás, um intelectual de vanguarda, mas que agora começava elogiar as pessoas, e que eu havia, por isso, me inscrito no grupo de ex-intelectuais emasculados. "Emasculado" é uma palavra feia, a qual não vou comentar com maiores detalhes, mas significa que perdi minha masculinidade devido ao fato de não ser unicamente negativo e crítico. Não se deve supor que os humanistas sejam capazes de elogiar alguém.

Finalmente, dez anos atrás, em 1997, publiquei um livro com o título *Em 1926*. Minha intenção era ceder ao desejo de imersão total e completa em um período histórico. Não afirmei que 1926 foi um ano importante, mas sim que eu queria escrever um livro o mais distante possível da ideia, por assim dizer, de sentir o simples aroma de um ano ou, a propósito, na medida em que é impossível ter essa percepção, pelo menos tocá-lo, e ouvir os seus sons. Apesar de ter tido resenhas surpreendentemente positivas nos periódicos de massa, os historiadores acadêmicos ficaram chateados com o livro porque, segundo me disseram, eu não havia seguido um método. De fato, não havia método reconhecível nesse livro. Eles observaram, além disso, que eu não tinha relacionado o que escrevi sobre 1926 com o presente, com o ano de 1997, quando o livro foi publicado. Eu nunca afirmei que tal era minha intenção, mas os historiadores ficaram ofendidos de qualquer maneira.

Após essa parte inicial da minha palestra, vocês podem pensar que eu sou uma pessoa profundamente traumatizada. Por acaso, busco alguém que me console? A verdade é que, apesar de não saber o quão arrogante isso possa parecer, não estou tão traumatizado assim. Naquela época, eu estava bastante orgulhoso, porque pensei

que essas reações – muito fortes, por sinal – provavam que eu havia tocado um nervo sensível das humanidades, e que, de alguma forma, havia atingido algo problemático para a área. Enfim, minha esperança agora seria poder usar essas resenhas como ponto de partida para encontrar o que é problemático na situação atual das humanidades, e quais podem ser os limites para as suas possíveis realizações na universidade de hoje.

A partir de agora, meu argumento se tornará mais complicado, com quatro partes. Na primeira, tentarei desenvolver, com base nessas críticas negativas, qual conceito de “ciência” prevalece nas humanidades em dias atuais, considerando que fui criticado por não ser científico o suficiente. Então, cabe a pergunta: o que essas pessoas querem dizer quando dizem *ciência*?

Na segunda parte, voltarei no tempo e focarei, sobretudo, ainda que não exclusivamente, na história acadêmica da Alemanha, tentando explicar quando e por que as humanidades desenvolveram a ambição de serem científicas. Isso pressupõe que nem sempre foi assim, pois no início do século XIX tal ambição não existia.

Na terceira parte, voltando ao presente, tentarei caracterizar a situação atual das humanidades e da universidade em geral, e tentarei, então, fazer uma proposta sobre o que as humanidades poderiam contribuir para a universidade atualmente. Meu conceito-chave aqui, e estou muito orgulhoso porque é um conceito meu, será o de *pensamento de risco*. Minha proposta será que as humanidades devem se especializar neste tipo de pensamento.

Na quarta e última parte, especularei brevemente sobre o futuro da universidade em geral e sobre a possibilidade das ciências humanas e das artes desaparecerem no futuro. Eu sei que, normalmente, quando humanistas perguntam isso, eles o fazem para dizer que as humanidades sobreviverão gloriosamente, que as ciências humanas são a parte mais importante da universidade, mas ninguém acredita nessas coisas, de qualquer maneira. Então quando eu exponho esta pergunta ao final, sobre a sobrevivência ou não das humanidades na universidade do futuro, lembre-se, será uma pergunta séria. Espero não assustar, mas será uma pergunta séria de qualquer forma.

Parte um: quais são os componentes que podemos induzir, daquelas resenhas dos meus livros, como pertencentes a um conceito inteligível da ciência aplicada às humanidades?

No idioma inglês da tradição anglo-americana, as humanidades não são vistas como ciência. Esta manhã, contava uma anedota sobre uma visita que fiz em 1991, em Stanford, ao então presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev. Na ocasião, ele fez um discurso no qual começou a dizer "saúdo os cientistas da Universidade de

Stanford.” Todos os humanistas o vaiaram porque pensaram que ele os estava excluindo, mas essa não era a intenção. A tradição russa, assim como a tradição alemã e a japonesa, inclui as humanidades nas ciências.

Meus resenhadores estavam implicando com o fato de que, antes de tudo, as humanidades devem constituir um sistema solidamente fechado como ciência, um “sistema solidamente fechado” no sentido de que cada novo passo implica a obrigação de levar em consideração todas as medidas tomadas antes deste passo. Por esse motivo, eles acharam errado, por exemplo, que ao escrever sobre os romanistas eu não tenha citado todo o referencial teórico já produzido sobre eles. Também queriam dizer que cada nova descoberta deveria se encaixar no panorama das descobertas feitas antes, de forma que o que não se encaixa não pode ser reconhecido como descoberta. Sobre estas bases, supõe-se que todas as disciplinas de alguma forma progridem, e que este progresso se observa, por exemplo, na interpretação de escritores como Dante Alighieri. Estou dizendo isso porque, é claro, embora eu acredite que Dante seja interpretado de maneiras diferentes, em diferentes culturas e épocas, não acredito que houve progresso na interpretação de Dante, Proust ou qualquer outro grande autor.

Segundo, chamar as humanidades de ciência implica na crença de que vocês têm que escolher um método, e que devem trabalhar de acordo com ele. Bem, o que é um método? Um método é uma sequência canonizada de atos estruturados como etapas que levarão a uma das perguntas predefinidas para os resultados predefinidos. Se vocês têm um certo tipo de pergunta e desejam encontrar uma solução, usem um método. A maior glória de um método parece ser a ideia de que não é preciso pensar por si mesmo. Se vocês têm um método, vocês simplesmente podem seguir os passos, e a mente continua no piloto automático.

A terceira característica do conceito de "ciência" é que ele é orientado de acordo com objetivos. E tal confiança nos métodos e em seu procedimento automático é aplaudido e comemorado como "rigor". A ciência quer ser rigorosa. Quando se fala de ciência, elogiam-se os cientistas por serem muito rigorosos e, a propósito, às vezes isso é entendido como algo que vai contra a inspiração do indivíduo. Se alguém é metódico e rigoroso, de acordo com tal entendimento, não pode seguir as inspirações individuais. Quase se diria que essa insistência nos métodos e no rigor mata a inspiração individual.

Agora, em quarto lugar, o caráter fechado da "ciência" supõe conseguir atingir dois objetivos diferentes. Um dos objetivos é a ciência, como um sistema fechado, produzir a verdade. O problema, e eu gostaria de ver isso como uma nota de rodapé, é que não sabemos hoje, filosoficamente, o que queremos dizer com o conceito de

verdade. Segundo supõe-se, a ciência é capaz de produzir soluções para os problemas. Agora, naturalmente, se não sabemos o que queremos dizer com verdade, então a insistência em soluções se torna a coisa mais importante. No entanto, duvido que as humanidades tenham algum dia produzido soluções. Mas, se vocês pensam nelas como uma ciência, então vocês esperam que elas produzam estas soluções.

Um quinto e último ponto: as humanidades devem ser críticas – críticas no sentido de que elas devem descobrir ou apontar falhas ou erros na sociedade. Então, os humanistas geralmente se sentem bem quando dizem o que todo o mundo vem dizendo há dez mil anos de cultura humana, ou seja, que o presente é muito pior que o passado, etc. Os humanistas sempre foram críticos. Se elogiamos algo – ou se vocês escrevem um livro em louvor à beleza atlética, por exemplo, nem Deus permite – mas mesmo se vocês elogiam seu autor favorito, correm o risco de serem vistos como um ex-intelectual emasculado. Então, a dignidade de um intelectual parece residir apenas no seu lado negativo, de forma que um ressentimento permanente ajuda vocês a serem vistos como um bom intelectual.

\*\*\*\*

Mas de onde vem essa ambição de "ser cientista"? Por que são tão ambiciosas as humanidades, especialmente na tradição alemã, e desde quando elas possuem tanta ambição de serem científicas? Entendo que isso é algo, em certa medida, compartilhado pelas ciências humanas no sistema universitário japonês. Como premissa, eu já disse, deixem-me repetir, essa pressão por ser científico tem força diferente em diferentes culturas. Na cultura anglo-americana, não se supõe que as humanidades deveriam ser ciência. Elas são chamadas de "Artes e Humanidades". Lá, a palavra ciência não inclui as humanidades e vocês não usam as palavras e conceitos normalmente associados à ciência para falar sobre humanidades. A palavra arte – Artes e Humanidades – provém da Faculdade de Artes Medievais. Mas, a rigor, é um mal-entendido, eu acredito, na tradição anglo-americana, as pessoas considerarem que essas disciplinas estejam mais perto de artistas, e mais perto da estética. Eu não tenho dados estatísticos, mas estou absolutamente convencido de que há mais professores de literatura no mundo anglo-americano que são, eles mesmos, escritores. Há um conceito diferente na tradição francesa, mas esse seria o assunto para mais uma longa palestra. O conceito francês é mais suave, vem do início do século XIX, dos pós-revolucionários, os chamados *encyclopédistes*.

A tradição alemã de querer ser científico remonta, de fato, a um cisma institucional que ocorreu pela primeira vez na Universidade de Berlim nos anos 1890.

Havia uma disputa sobre se um professor recém-contratado de nome Ebbinghaus, que era psicólogo empírico, deveria ser considerado um colega dos filósofos, psicólogos não empíricos, dos historiadores, dos críticos literários e assim por diante, e a opinião predominante era que ele não deveria ser. O ponto importante para mim aqui é que a separação das ciências foi uma iniciativa das próprias humanidades na década de 1890 e início do século XX.

Voltarei a esse ponto daqui a pouco, mas primeiro quero mencionar que havia uma concepção de universidade, no começo do século XIX, que eu acho altamente interessante e digna de ser reciclada hoje, especialmente para as humanidades, e que não tinha nada a ver com a idéia de rigor científico. A pessoa que inventou tal concepção foi Wilhelm von Humboldt, filósofo da linguagem, que era subsecretário do Estado da Cultura quando escreveu o documento em questão no ano de 1811.

Gostaria de mencionar três pontos que Wilhelm von Humboldt propõe em relação à universidade em geral. Ele não traça uma divisão entre as ciências do espírito e as ciências naturais, mas acho que os três pontos que ele propõe valem a pena ser lembrados e reciclados atualmente. Primeiro ponto, e espero que se surpreenda: Humboldt afirma que as universidades em geral não são instituições que devem produzir ou reciclar respostas; ele afirma que a formulação e transmissão de respostas é tarefa do ensino secundário. Isso é o que se faz na escola secundária. Assim que alguém já tem uma resposta, o assunto deixa de ser algo que a universidade promove. As pessoas em uma universidade, por outro lado, devem produzir novas perguntas e mais problemas.

Então, Humboldt escreve sobre o seminário e o laboratório como situações chave de ensino. Por que isso é importante? Não posso mais responder que isso é devido a uma transmissão de conhecimento, porque concordamos que esta transmissão não é tarefa da universidade. Mas, ao mesmo tempo que a resposta de Humboldt é difícil de explicar, acho que é surpreendentemente bela. Ele diz que o seminário e o laboratório são lugares onde diferentes tipos de entusiasmo, de diferentes gerações, podem ser inspirados mutuamente, e é por isso que são situações tão produtivas. O professor pode ensinar Platão, mas seu entusiasmo tem um tom diferente do aluno, e a razão pela qual eles precisam um do outro não é apenas que o professor transmita seu conhecimento sobre Platão aos alunos, mas o fato de que um pode inspirar o outro. Logo, a universidade é um lugar onde diferentes tipos de entusiasmo se disparam mutuamente. Eu acho que isso, infelizmente, não é verdade para a maioria das universidades de hoje, mas ainda é uma bela idéia, e talvez façamos algo assim em nossa próxima hora juntos.

Em terceiro lugar, e isso é muito surpreendente para um Secretário de Estado Adjunto, Humboldt diz que o Estado, por um lado, tem obrigação absoluta de financiar a universidade, mas ele também afirma, e em seu próprio interesse, que o Estado não tem o direito de intervir em nenhum assunto intelectual. Como é que um subsecretário de Estado pode afirmar uma coisa dessas? Ele diz isso porque assume que a universidade é a instituição que o Estado promove com o fim de que se produza um conhecimento surpreendente, visando ao aparecimento de pontos de vista que ninguém mais produziu, o que, por definição, não acontecerá se este mesmo Estado tiver permissão para intervir.

Mantenham, por favor, os três pontos de Humboldt enquanto eu volto um momento na história das humanidades. Se fomos a 1890, por que as humanidades quiseram se separar das ciências? A história é, de fato, muito longa e complicada. Vou tentar abreviar, mas teremos que voltar um pouco mais. A novidade é que, pela primeira vez desde a Idade Média, seres humanos pensam em si mesmos como excêntricos em relação aos objetos no mundo, como sujeitos que olham para o mundo, interpretam o mundo como um objeto e, ao fazerem isso, produzem sua representação e conhecimento. Pensem em Galileu e seus experimentos na torre inclinada de Pisa. Pensem também em Descartes e sua definição da ontologia da existência humana como "eu penso, logo existo". De forma que o sujeito é espírito puramente espiritual em oposição aos objetos, que são o que requer espaço.

Agora, algo acontece no início do século XIX que complica a situação e que tem fixado a agenda intelectual do ocidente, ou de todo o mundo, até o presente. Me refiro ao que eu chamo de emergência do observador de segunda ordem. E o que é o observador de segunda ordem? Trata-se de um observador que não pode deixar de se observar no ato de observar outra coisa. Existem duas consequências disso. Um observador de segunda ordem descobre que sua representação do mundo depende de seu próprio ponto de vista. Emerge, então, o problema da perspectiva. Com cada objeto de referência dado, de repente, tem-se uma infinidade de interpretações e uma infinidade de representações. A segunda inovação é que o observador de segunda ordem redescobre que existem dois níveis de apropriação do mundo ou interpretação do mundo. Apropriação do mundo através de conceitos – e é isso o que chamamos de experiência. Mas há também, e é isso que a modernidade primitiva não levava em consideração, a apropriação do mundo através dos sentidos; quero dizer, com isso, apropriação física do mundo, ou seja, percepção do mundo. E, a partir desse momento, os intelectuais se tornaram obcecados com a compatibilidade de ambos os modos de apropriação.

Não custa dizer que até hoje ninguém encontrou uma solução para o segundo problema. E acho que foi, em parte, precisamente essa frustração que motivou as humanidades a tomarem a iniciativa, no final do século XIX, de se separar das ciências. Houve, basicamente, um movimento para se livrar desse problema. Desde então, a ciência tem se preocupado com a apropriação do mundo através dos sentidos. Nós, humanistas, lidamos com a apropriação do mundo através de conceitos, e com a interpretação.

Este é o programa das humanidades. Agora qual é o problema com este programa? O problema é que esse nascimento das humanidades como "ciências do espírito" veio com o trauma de nascimento do que na Alemanha era chamado "perda de mundo". Apenas alguém que abandona a referência do mundo das ciências naturais sente que está um pouco no ar, muito vagamente posicionado e muito mal definido. Eu acho que essa impressão é o motivo pelo qual, desde o início do século XIX, a exploração da história das humanidades conduz à observação de que elas viveram em uma situação de montanha-russa. Sempre houve momentos de grande inspiração interpretativa, como o momento do *New Criticism*, em meados do século XX, seguido de uma tentativa das humanidades para se tornar muito rigorosa; a década de 1960 foi esse momento. De repente, um queria se tornar matematicamente rigoroso; o outro estava estudando linguística. Lembro-me do entusiasmo por certos tipos de marxismo – mesmo que fisosoficamente estes fossem tão antigos quanto um dinossauro – porque prometiam ser rigorosamente científicos. Isto foi seguido por momentos de grande relaxamento, como no momento do Novo Historicismo ou no momento da desconstrução, seguidos, novamente por momentos de ambição em relação ao rigor, como nos estudos culturais – acho que nos estudos culturais sócio-científicos ou nos meios de comunicação, por exemplo. Se alguém descrever a tecnologia de uma televisão como parte de uma pesquisa em ciências humanas poderá fazer de conta que não perdeu o contato com o mundo...

Eu acho que o outro efeito do trauma do nascimento é que humanistas, e esse é um tipo de paradoxo estranho, sempre quiseram ser interminavelmente políticos. Às vezes, não posso deixar de perguntar aos meus colegas "politizados" por que – se perdoam minha linguagem – por que diabos? Se você quer ser assim tão político, por que optar por ser humanista ao invés de se tornar político? Mas acho que é exatamente por um defeito, quero dizer, porque estamos traumatizados – e estamos assim há mais de 100 anos, com essa sensação de perda do mundo – que temos paradoxalmente a ambição de sermos políticos.

\*\*\*

Cheguei à terceira parte, que lida com a universidade em sua situação atual, tratando do que as humanidades podem fazer. E precisamente não voltarei aos conceitos rigorosos de "ciência" ou "ser político". Volto, na verdade, às idéias de Humboldt, e tentarei trazê-las para a situação atual. Se vocês perguntarem o que a universidade deve fazer hoje, normalmente receberão duas respostas – uma delas é a de que a universidade deve transmitir um conhecimento profissionalmente relevante em alto nível, e a segunda é que a universidade pode ser um agente na solução de problemas, um agente de consultoria do mais alto nível em questões de engenharia, ciências aplicadas, engenharia ou Ciência da Computação. As ciências sociais estão tentando fazer isso também, mas não estou muito confiante de que elas terão sucesso.

E as humanidades? Quem precisará do conhecimento que as humanidades transmitem? Somente futuros professores de ciências humanas – e este é um grupo muito pequeno de pessoas. Nos Departamentos de Literatura Inglesa, os professores às vezes falam sobre o que chamam de “cursos de pão com manteiga”, ou seja, os cursos que todos deveriam fazer; mas eu nem acredito que há algum conhecimento da história da literatura inglesa que todo o mundo precisa saber. Os textos de Shakespeare são infinitamente fascinantes, mas vocês não precisam deles se vocês trabalham para a Honda ou Toyota, por exemplo, ou para qualquer outra empresa nos dias de hoje. Vocês não perderão uma parte do seu salário se seus chefes descobrirem que existem três trabalhos históricos de Shakespeare que vocês não leram. As humanidades resolvem problemas? Na verdade, não – humanistas às vezes fingem que sim, mas eles realmente não resolvem problemas. Então, qual poderia ser o papel das humanidades? Espero ter formulado a questão de uma maneira suficientemente dramática.

Minha resposta é que a função específica que as humanidades poderiam ter na universidade seria o que chamo de pensamento de risco. Agora, o que quero dizer com pensamento de risco? Quero dizer, antes de tudo, e muito inspirado por Wilhelm von Humboldt, que pensar em risco é o pensar que produz perguntas ao invés de respostas. O pensamento de risco faz o mundo parecer mais complexo e menos orientado a soluções, é um pensamento que produz visões de mundo alternativas em vez de alimentar as visões de mundo existentes. Em vez de reduzir a complexidade, o pensamento de risco tende a aumentá-la criando novos problemas.

Deixem-me dar dois exemplos de pensamento de risco; um é relativamente banal, mas ajudará a entender. Imagine que, depois dessa palestra, você tem uma dor de estômago horrível – você pensa imediatamente que é devido a essa conversa. Você vai ao médico e ele diz para você: veja Sr. Ishii, você tem apendicite, por favor,

vá ao médico. Então você vai ver o cirurgião e ele se programa para operá-lo amanhã de manhã. Então, de manhã, você vê o cirurgião e ele diz: parabéns, Sr. Ishii, você será o primeiro paciente com quem tentarei um novo acesso ao apêndice. Você não vai gostar dessa afirmação, justamente porque isso é pensamento de risco praticado em você. Você quer inovação, mas não quer que o cirurgião faça testes em você. É exatamente por isso que você quer que haja pesquisa clínica e pesquisa básica, que exista um espaço institucional onde esses riscos possam ser assumidos. Você não quer que as instituições cotidianas sejam infestadas com pensamentos de risco. Os riscos não são bons para situações cotidianas; mas, de qualquer forma, você quer que haja um espaço institucional onde esses riscos possam ocorrer.

O segundo exemplo, mais sofisticado, remonta à primeira vez em que o professor Jacques Derrida recebeu um convite como professor visitante na Alemanha, em 1988, época em que, mais uma vez, houve uma discussão global nas humanidades sobre a biografia de Martin Heidegger. Vocês sabem que esse grande filósofo alemão também era membro do partido nazista até seu fim, em 1945, e que, como tal, era presidente da Universidade de Freiburg. Derrida disse, de passagem, que Heidegger foi o maior filósofo do século XX. Não sei se ele está certo ou não, mas foi o que ele disse, e depois um aluno perguntou: Professor Derrida, como você pode dizer que Heidegger foi o maior filósofo do século XX? Você não sabe que ele era envolvido na ideologia nazista? Derrida deu a ele uma resposta que me parece um belo exemplo de pensamento de risco. A resposta me dá calafrios, porque afinal nasci na Alemanha em 1948, mas a resposta é: “jovem amigo, claro que sei que Heidegger era nazista. Todos nós sabemos disso. Essa não é a questão. A questão é se ele poderia ter sido o maior filósofo do século XX se não estivesse envolvido com o nazismo.”

Espero até hoje que a resposta seja o que penso – sim, Heidegger poderia ter sido um grande filósofo e talvez até um filósofo maior, se não estivesse envolvido com a ideologia nazista. Mas, meu argumento é que tem que haver um lugar na sociedade onde essa pergunta possa ser formulada. Eu não acho que foi uma boa pergunta para a esfera pública, para a televisão. Eu não acho que foi uma boa pergunta para o ensino secundário. Mas penso que tem que haver um lugar onde essa pergunta possa ser formulada, e eu acho que esse lugar tem que ser a universidade, e as humanidades em particular. Precisamente por esse motivo, é bom que as universidades estejam, até certo ponto, isoladas da sociedade. Todo o mundo reclama do fato de que as universidades são o que chamamos de torre de marfim, mas acho que é uma coisa positiva, porque é precisamente essa qualidade de torre de marfim

que evita que o pensamento de risco permeie a vida cotidiana fora da universidade, congestionando nosso cotidiano.

Agora, por que as sociedades precisam do pensamento de risco? Se fosse apenas para pessoas como eu se divertirem, não seria uma razão boa o suficiente. O principal motivo é: ter um repertório de visões alternativas que dá às sociedades e culturas flexibilidade para a mudança. Eu não estou dizendo que as humanidades têm que propor em que direção as sociedades devem ir, mas devem trabalhar contra o esclerosamento das sociedades. Eles devem desenvolver uma reserva de visão alternativa sobre como as coisas poderiam ser, e deveriam treinar, o máximo possível, futuros membros da sociedade a esse respeito, e não apenas futuros humanistas. Os humanistas, por sua vez, devem se tornar especialistas em como ver o mundo de uma maneira mais complexa.

O pensamento de risco é diferente do rigor científico? Meu primeiro ponto é que o pensamento de risco não é compatível com o método. O pensamento de risco depende de inspirações momentâneas e, se confiarmos exclusivamente em métodos, matamos esta inspiração, e nunca se permitirá sequer arriscar ter esse tipo de inspiração. Em segundo lugar, e isso é apenas uma expansão do meu primeiro ponto: pensamento de risco implica em prestar atenção às suas próprias intuições. Alguém argumenta e, argumentando, pode-se desenvolver teorias; mas nunca se estará convencido de estar com a razão. De fato, quero chegar ao ponto de confirmar que o critério fundamental da qualidade nas humanidades não está em estar certo ou errado – porque nas humanidades, exceto por algumas poucas perguntas, nunca há evidências finais. O critério final para a qualidade nas humanidades é a capacidade de gerar polêmica, e é isso que as humanidades devem, aliás, fazer. As humanidades não produzem soluções, nem fazem o mundo, necessariamente, ser melhor. As humanidades produzem uma conversa contínua, e isso é diferente do que as ciências naturais fazem. Se você contratar um colega para o departamento de Física, você não necessariamente quer contratar o colega cujo trabalho causa a maior controvérsia. Você quer contratar alguém que descobriu algo novo que se provou correto hoje, e que é um candidato ao Nobel justamente por isso. Nas humanidades, no entanto, acho que aqueles que estão sempre certos são chatos, porque nunca causam controvérsia.

Em terceiro lugar, as humanidades raramente pesquisam, no sentido de pesquisa em larga escala. Elas também raramente investigam para criar previsões sobre o futuro. Às vezes, espera-se que façam isso, mas não vejo a utilidade de uma coisa dessas. As humanidades, por outro lado, têm a ver com julgamento, e julgamento no sentido de Immanuel Kant – aquele que sempre implica que haverá

um momento em que uma decisão deve ser tomada. Nunca se pode fazer um julgamento completamente racional, e não se pode fazer um julgamento inteiramente por dedução. É por isso que dizemos que, no sistema jurídico, certos juízes são mais competentes do que outros. Claro, tem que haver um corpo de lei, é claro que tem que haver um júri, e tem que haver todos os tipos de remédios para evitar que juízes façam julgamentos errados. Mas, finalmente, há um momento em que todo juiz tem que tomar uma decisão, e eu acho que isso não é diferente nas humanidades porque as humanidades não têm, em princípio, nada relacionado à produção de resultados imóveis por indução ou dedução. As humanidades, por outro lado, têm a ver com a capacidade de julgar, e nossos julgamentos devem produzir resultados plausíveis ou convincentes.

Finalmente, e isso tem a ver com a sociologia das humanidades: eu acho que as humanidades podem ser chamadas de “arte”, no sentido de que elas são um ofício. Como é possível ensinar humanidades? Eu acho que você realmente não pode ensinar ciências humanas através de receitas e métodos, mas só se pode ensinar humanidades pelo exemplo. A melhor maneira de aprender nas ciências humanas é sentado ao redor de uma mesa com pessoas, e vendo como essas pessoas se referem a tópicos da história, filosofia, ciência. Alguns deles fazem isso melhor do que os outros, e você lentamente começa a imitá-los não para copiá-los, mas porque você é inspirado por eles. É por isso que eu acho que precisamos que as situações de ensino ocorram em um espaço comum, ensino em co-presença. Todos sabemos como é lembrar de alguns professores muito inspiradores que tivemos. Agora, se vocês pensam o que terão aprendido com eles, acho que muitas vezes isso é difícil dizer. Um pode se lembrar de um assunto ou outro, mas a verdade é que você aprende pelo exemplo, assim como você aprende em uma oficina com um grande carpinteiro ou um grande artista. Pense nos artistas renascentistas, ou pense no teatro japonês, por exemplo. Eu não acho que as famílias dedicadas ao Kabuki tenham receitas que se vão passando umas às outras.

\*\*\*

Sob essas condições, quais são os principais desafios? Quais são os grandes problemas para a universidade no futuro? E as humanidades têm um lugar nesta universidade? Vou levar essa pergunta muito a sério.

Então, deixem-me falar primeiro sobre duas tendências que acho que mudarão profundamente a universidade do futuro. Todos vocês provavelmente sabem – e se você não sabe, deve saber – que o custo do ensino presencial está crescendo

exponencialmente hoje, muito mais rápido do que o crescimento da renda em qualquer economia. Por exemplo, um aluno do bacharelado em Stanford, hoje em dia, paga aproximadamente US\$ 50.000 por ano à sua universidade – mas o custo para cada aluno por ano é muito maior que isso. Isso significa que o ensino à distância será a grande solução do futuro, e em uma extensão que ainda não podemos imaginar. Há cerca de um ano, Stanford, Yale e Princeton se uniram em um consórcio com o fim de desenvolver o ensino à distância, e vocês provavelmente já serão capazes de se formar em Stanford, Yale ou Princeton por 10.000 dólares por ano em vez de 50.000. E muitas pessoas farão uso dessa possibilidade.

Se você sente o mesmo que eu, você dirá que o que realmente faz universidades são aquelas situações presenciais, por isso, recomendo, antes de tudo, um certo grau de comprometimento no sentido de não se envolverem demais no ensino à distância, porque quanto mais o fazem, mais ele contribuirá para o desaparecimento do que todos nós gostamos. Convido-os, ainda, para investigar um pouco sobre quais são as virtudes e funções específicas da aprendizagem presencial, e os motivos pelos quais é muito mais produtivo discutir com as pessoas ao redor de uma mesa do que fazê-lo por e-mail. Acho que muitos de nós compartilhamos essa visão, mas gostaria de lembrá-los que nós realmente não sabemos por que isso é assim e podemos estar ficando sem tempo, caso não possamos encontrar, rapidamente, respostas para estas perguntas. Eu acho que a maior ameaça para a universidade, como a conhecemos, e especialmente para as humanidades, é o ensino eletrônico e a distância, e não devemos, no mínimo, ser entusiastas de tudo isso.

A segunda ameaça à universidade como a conhecemos é, de fato, um enfraquecimento progressivo da segunda função, o de resolver problemas. Há uma forte tendência nas corporações, e especialmente no Japão, para desenvolver pesquisas nessa direção. Acho que não há nada de mau nisso, mas se a universidade como a conhecemos for substituída pelo ensino à distância, por um lado, e, por outro, se não tiver essa função de agente de consulta, então, quase certamente, teremos o fim das humanidades. Embora se possa, é claro, pensar também que, se isso acontecer, isto é, se o ensino à distância assumir a liderança e a função de resolver problemas abandonar a universidade, aquilo que as humanidades fazem, ou seja, pensar em riscos, terá um papel muito mais central. Poderíamos, inclusive, imaginar que, caso haja um encolhimento da universidade enquanto instituição, elas se tornariam, novamente, algo como o Liceu de Aristóteles, ou a Academia de Platão.

Agora, concluindo, gostaria de propor dois exemplos de pensamento orientado para o futuro em instituições de ponta com as quais estive envolvido. O primeiro exemplo é minha própria instituição, a Universidade de Stanford, que lançou há

alguns meses a maior campanha de angariação de fundos da história da universidade. O objetivo oficial é conseguir quatro bilhões e setecentos mil dólares, mas o objetivo real está acima dos seis bilhões, e certamente será cumprida nos próximos três anos.

O que a universidade vai fazer com todo esse capital? Existe uma tendência muito forte para fazer o que for preciso para manter a pesquisa dentro da universidade. Por exemplo, Stanford gastou apenas 500 milhões de dólares em um novo prédio chamado Bio-X, que deveria possuir os laboratórios mais avançados do mundo e, de fato, este prédio não será apenas para professores: será aberto para pesquisadores corporativos para efeitos de colaboração com os professores de Stanford. Um segundo projeto talvez seja raro, mas ainda mais interessante: trata-se de transformar o departamento da ciência política em um "centro" para consultoria política internacional. Stanford está contratando não apenas cientistas políticos, mas também uma série de ex-políticos profissionais bem-sucedidos para este projeto, nos quais os governos de todo o mundo, e não apenas o governo americano, poderiam buscar aconselhamento.

Uma grande quantia do dinheiro a ser arrecadado será destinada às humanidades e artes, mas não para o que tradicionalmente consideramos humanidades, mas para as artes "aplicadas". Muito dinheiro será aplicado em estudos e prática artística, e uma quantidade enorme em instalações de um conservatório. Mas e as humanidades mais tradicionais – e a filosofia? E a história? E os estudos literários e tudo o mais? Perguntamos ao presidente da nossa universidade, formado em Ciência da Computação, se fazia parte de seu plano que as humanidades desaparecessem. A resposta do presidente foi que, uma vez que levantar dinheiro custa dinheiro, projetos em potencial para as humanidades simplesmente não são suficientemente expressivos em termos financeiros para justificar que uma quantidade de verba seja solicitada para este fim. Então o Dr. Ishii, ex-aluno de Stanford, e eu, inventamos o "paradoxo do amendoim": a universidade é imensamente rica, a universidade claramente gosta das humanidades, mas as humanidades não aparecerão no documento mais importante que a universidade produzirá para o futuro. E isso implica o risco de que, na próxima geração, as humanidades não sejam levadas em consideração. Não estou dizendo que isso necessariamente aconteça, mas poderia acontecer.

O outro exemplo, e este é um exemplo paradoxal, é o da recente universidade fundada da Volkswagen. Leitores japoneses ficarão felizes em saber que a VW ocupa apenas o terceiro lugar entre os maiores fabricantes de automóveis no mundo, com várias marcas como Volkswagen, SEAT, Audi, Skoda e outros. Embora a ideia para

esta universidade tenha sido montada estritamente com o objetivo de ajudar na melhoria do produto VW, cada orientação e cada currículo em cada doutorado que tenha sido planejado para esta universidade tem a obrigação de fazer com que 30% de suas aulas sejam de filosofia, literatura, história e coisas do gênero. Por trás dessa decisão está a crença de que um engenheiro, um designer, um especialista em marketing capaz do que chamo de pensar com riscos será um melhor designer, um melhor engenheiro e um especialista em marketing mais bem-sucedido, ao passo que, alguém que não tem esse pensamento de risco está fadado a ter uma visão limitada sobre sua própria atividade. Esse tem sido o glorioso projeto da Universidade Volkswagen. Mas, para terminar com uma nota triste, o gerente geral da Volkswagen (CEO) que tem trabalhado no projeto desta universidade, e que de alguma forma era o padrinho do projeto, o Sr. Hartz, foi demitido há quatro meses – e se vocês querem saber por que eles o dispensaram, vocês podem me perguntar na discussão.

\*\*\*

#### PERGUNTAS E RESPOSTAS

– Pergunta: Quando você fala sobre "pensamento de risco" nas humanidades, isso significa que, no futuro, não leremos mais os autores clássicos? Depois de tudo, os textos altamente canonizados e suas análises parecem ser uma operação de baixo risco.

– Resposta: Agradeço esta pergunta, porque ela me permite corrigir um mal-entendido que meu argumento e sua ênfase no "pensamento de risco" possam ter causado. Bem, ao contrário da implicação plausível incluída em sua pergunta, acho que, de várias perspectivas, existe uma forte relação entre o "pensamento de risco" e a releitura dos clássicos. Há várias décadas (e, infelizmente, algumas delas são décadas que eu passei na minha profissão como humanista) que nossas disciplinas não apenas queimaram (e acho que desperdiçaram) muito tempo tentando imitar as ciências, com sua insistência em "métodos rigorosos", sendo que os humanistas também acreditavam que era uma obrigação intelectual ir "contra a corrente" em relação ao cânone literário estabelecido e enfatizar a leitura de textos de qualidade estética comparativamente mais baixa (existe até um termo alemão para isso: *Trivialliteratur*). Para dar um exemplo, minha filha Sara (que tem 24 anos hoje e acaba de terminar seus estudos de Sociologia na Universidade de Barcelona) foi para um curso secundário de alemão-espanhol em Valência. Nas aulas de espanhol ao longo dos anos, ela leu os textos clássicos da literatura espanhola desde a Idade

Média até o presente. Esses cursos nem sempre foram emocionantes – mas eles deram a ela a chance, única na vida, de rever os textos mais extraordinários da cultura espanhola e ocidental. Nas aulas de alemão, no entanto, alguns dos professores claramente se esforçaram para ser intelectualmente "progressistas" – e receio que eles teriam usado o conceito de "pensamento de risco" se eles o tivessem em mãos. Incrivelmente, no entanto, eles não leram uma única obra do cânone da literatura alemã, nem mesmo o *Fausto* de Goethe – o equivalente a *Dom Quixote* de Cervantes na literatura espanhola. Mas então, por que eu acho que os textos canônicos beneficiariam indubitavelmente o "pensamento de risco"? Primeiro, porque esses textos normalmente desafiam os leitores com graus específicos de complexidade, tanto nas dimensões semânticas como nas dimensões formais, muito comparáveis com a complexidade dos mais difíceis entre todos os textos filosóficos – e é claro que me refiro aqui a uma complexidade que as instituições cotidianas, é claro, não podem produzir. Mais especificamente, deixem-me lembrar-lhes, os textos clássicos quase sempre chegam até nós com a aura de uma tradição de grandes interpretações (as quais, não tão raramente, atingiram um certo nível de canonização).

Sob tais condições, cada nova interpretação, e cada interpretação contemporânea enfrenta o desafio de encontrar algo novo – entrar em uma competição com os grandes leitores do passado – e eu acho que é essa competência que naturalmente produz um estilo de pensamento que podemos chamar de "arriscado".

– Pergunta: No seu argumento, você deu a impressão de que o que você entende como a principal atividade das humanidades é, acima de tudo, um confronto, bem como uma constante revisão dos grandes textos e obras de arte do passado. Eu pergunto se você quer dizer – implicitamente, pelo menos – que o ensino da escrita, naqueles cursos que chamamos de “composição” na tradição anglo-americana, teriam uma prioridade mais baixa?

– Resposta: Certamente não era minha intenção – nem mesmo indiretamente – questionar a importância da competência de escrever para uma mente culta, e muito menos a importância de escrever em sala de aula. Mas eu receio que sua intuição esteja correta, de qualquer maneira – no sentido de que tenho uma tendência a subestimar a importância desse componente, porque pode ter a ver com uma certa tradição “romântica” no mundo acadêmico da Alemanha em que cresci: a tradição de estimular o talento individual da escrita para cada aluno, ao invés de enfatizar certos critérios compartilhados, formas e padrões de “boa escrita”. Como você

provavelmente sabe, foi decidido – e é um tanto problemático – que mesmo nas melhores universidades, o ensino americano de redação para estudantes de graduação (e a correção e os comentários dos seus testes de escrita) sejam deixados, principalmente, para estudantes de pós-graduação em estágio avançado de pesquisa. Às vezes, quando eu vejo trabalhos escritos por estudantes de graduação e editados por estudantes de pós-graduação, receio que a forte crença em certas convenções entre esses mesmos alunos pode sufocar o talento individual de escrever. E claro, esse talento individual para escrever e, acima de tudo, a liberdade de deixar o estilo individual surgir têm, mais uma vez, uma relação com o "pensamento de risco". Na perspectiva de um estudante de graduação, tudo isso pode ser verdadeiramente "arriscado" no sentido literal da palavra. Bem, eles sabem que eles farão melhor, em termos de qualificação, se escreverem de acordo com certos padrões estabelecidos. Isso é ainda mais triste e contraintuitivo, de certa forma, na medida em que falantes de inglês em geral (e falantes de inglês americano em particular) têm maravilhosa flexibilidade e generosidade muito estimulante para com quem ainda não encontrou sua voz em inglês. Deixem-me dar um exemplo pessoal. Em uma revisão recente de um dos meus livros, originalmente escrito em inglês, li a seguinte frase: "Muitas vezes, temos a impressão de que o inglês do autor é um pouco 'fora de foco' – mas é isso que dá o charme particular e, às vezes, a particular beleza deste texto". Perdoe-me por tal narcisismo ultrajante, mas se todo mundo que ensina composição e redação for tão generoso quanto meu revisor, eu seria ainda mais favorável à multiplicação dos cursos de redação e composição em nosso currículo de graduação.

Aliás, pareço ver um problema semelhante em um certo estilo de ensino comum entre muitos filósofos analíticos nos Estados Unidos. A ênfase deles, muitas vezes, parece ser sobre ensinar os alunos a "reconstruir" o argumento racional de um texto (com algumas modificações, é claro), e todo texto (todo texto canônico, pelo menos) deve ter um desses "argumentos racionais", que podem ser identificados e descritos na extensão para seguir o método. E é em termos de encontrar seu próprio estilo de escrever ("voz própria"), que tenho meus problemas com tais exercícios pedagógicos. Também porque acho que a complexidade de grandes textos filosóficos deve ser um desafio para se trabalhar, tanto para alunos quanto para professores, e porque isso, no final, ajudaria a desenvolver e fortalecer o estilo de alguém, ao invés de domar o pensamento numa direção comum e totalmente geral. Em uma aula recente sobre Platão, por exemplo, descobri que a geração de vinte e poucos anos está interessada em aspectos muito diferentes, tanto do meu entendimento atual de Platão, quanto das minhas leituras de quase quarenta anos atrás. Essa diversidade também deve ser desenvolvida e fortalecida sempre que possível.

Mas deixem-me concluir esta resposta, enfatizando que, apesar da legítima expectativa de que as ciências humanas ensinem uma certa forma de competência (por exemplo, competência escrita), a função e a verdadeira razão de ser das humanidades, certamente, não é a transmissão de conhecimento e saberes. Por outro lado, acho que a transmissão do conhecimento é um efeito colateral que alcançamos nas humanidades. E enquanto eu penso que, a longo prazo, a contribuição das humanidades para a vida nas sociedades modernas é considerável, estaremos mais bem posicionados se admitirmos voluntariamente – e com entusiasmo – que, afinal, as humanidades são uma questão de luxo. Sem dúvida, sociedades sem humanidades sobreviveriam facilmente (é neste sentido que não é apenas inadequado, mas estrategicamente inepto, tentando justificar as humanidades com base em alguma necessidade prática). Mas o que elas fazem melhor – e a única coisa que fazem, se enfatizarmos o conceito de "pensamento de risco" – é ampliar constantemente nossas mentes.

– Pergunta: Como você define as ciências humanas nos Estados Unidos e na Europa? Existe uma maneira de conectar sua eficiência específica, se houver algo assim? Ou você acha que, afinal, a omissão das humanidades na campanha de maior angariação de fundos da história de Stanford vê, talvez de maneira bastante realista, dúvidas sobre sua eficiência?

– Resposta: Houve certas propostas para uma “definição” das humanidades coincidentes com o momento histórico de sua separação das ciências, ou seja, ao final do século XIX e início do XX. O filósofo alemão Wilhelm Dilthey, por exemplo, que contribuiu muito para o estabelecimento da *Geisteswissenschaften* (“ciências espirituais” em vez de “humanidades”), propôs incluir sob esse nome todas as disciplinas acadêmicas cuja operação básica fosse a “interpretação” entendida como a atribuição e a reconstrução de significado.

Isso é muito plausível – embora eu tenha minhas dúvidas epistemológicas sobre a utilidade de tentar “definir” qualquer fenômeno histórico. Mais do que qualquer tentativa de “definir” as humanidades, eu acho que podemos simplesmente nos referir a um conjunto de disciplinas (e seus interesses em constante mudança) que chegaram até nós através da tradição da universidade ocidental (que também é a tradição acadêmica adotada em muitas sociedades contemporâneas não ocidentais, como é o caso do Japão). E aqui a lição se torna óbvia, para não dizer banal: as humanidades compreendem a filosofia, a história, a crítica literária, história da arte, a musicologia, etc. (Apesar da ambição um tanto imprudente nos anos 70 e 80 por algumas dessas disciplinas de se redefinir – ou se refazer – como "Ciências Sociais".)

Como no Japão, as humanidades têm estado sob pressão nas últimas décadas, na Europa e na América do Norte, devido à falta de qualquer função social imediata e óbvia, mas tenho a impressão (embora eu posso estar enganado, é claro) que enquanto no Japão a pressão provém, em certa medida, da sociedade externa à instituição acadêmica, na Europa e na América do Norte os humanistas parecem ter que inventar e enfatizar o problema dessa "falta de função" mais do que as pessoas instruídas fora das humanidades. Durante as décadas de 70 e 80, em certas universidades de elite dos Estados Unidos, por exemplo, houve uma "batalha" pelo "cânone" de humanidades, na qual muitos humanistas, de maneira estranha, argumentaram pela eliminação dos grandes textos clássicos dos currículos. Hoje, podemos dizer que a principal razão para a preservação de pelo menos parte do cânone clássico e, com ele, das humanidades, tem sido a intervenção de graduados e famílias de estudantes.

Mas, enquanto tenho a impressão de que muitos humanistas iam, no passado, longe com a insistência de que as humanidades são capazes de mostrar funções práticas (e eu admito ser um deles), seria igualmente contraproducente – e, claro, simplesmente estúpido – evitar o problema. Hoje eu vejo as coisas assim: em primeiro lugar, comparando com outros setores da universidade (pense nas faculdades de medicina ou direito, por exemplo), existe apenas uma pequena fração dos alunos nas aulas de humanidades que, hoje em dia, usarão o conhecimento recebido na prática de sua profissão. Tal pequena fração é, obviamente, a de quem serão meus colegas no futuro – e por razões que não posso explicar aqui, acho que não seria do interesse de ninguém aumentar drasticamente o número de humanistas na sociedade de hoje e do futuro. Isso implica que a "eficácia" das classes de humanidades para aqueles que não serão acadêmicos no futuro, tais como filósofos, escritores, críticos, historiadores etc., será mostrada apenas "indiretamente". Acho que posso explicar melhor meu ponto de vista com um exemplo específico.

Doze anos atrás, eu tinha um estudante de graduação extraordinariamente talentoso que veio da então existente Tchecoslováquia (sua origem familiar não era privilegiada, aliás, e tinha apenas uma vaga ideia da qualidade intelectual e dos desafios de uma universidade como Stanford). Por várias razões aleatórias (parcialmente porque ele de fato não conhecia a estrutura da universidade norte-americana), esse aluno, cujo nome é Martin Bruncko, se formou em Literatura Comparada e Filosofia. Quando terminou os quatro anos de faculdade, ele se tornou uma das mentes mais brilhantes entre as sempre incríveis promoções de Stanford. No caso dele, parecia bastante natural ter a opção de avançar, buscando obter bolsas

de estudos para prosseguir os estudos, com o objetivo de cursar um doutorado e se tornar um professor de literatura e/ou filosofia.

Mas eu sempre tive a impressão de que Martin, embora muito eficiente e brilhante, estava mais interessado nas dimensões práticas da vida – desde carros velozes e roupas caras, até o mundo financeiro e político – e por isso, em longas sessões de discussão em meu escritório, tentei convencê-lo (e finalmente consegui) que fizesse inscrição para conseguir uma bolsa visando à entrada em uma escola profissional, de preferência em Ciência Política. Ele aceitou a sugestão e continuou seus estudos na *Kennedy School of Government*, Harvard. Durante seus anos em Harvard, a Embaixada da República Eslovaca (que no intervalo se separou completamente da República Tcheca) o contatou e o recrutou; então, seis ou sete anos depois, Martin voltou a Bratislava, sua terra natal, e foi trabalhar para o governo em um cargo de alto escalão. Foi ele quem organizou, em nome do governo eslovaco, o acordo entre Vladimir Putin e George Bush em Bratislava, e logo depois foi nomeado vice-ministro da Economia e Finanças do seu país. Nada além de algumas semanas depois, li em *The Economist* que Martin Bruncko havia sido o cérebro por trás da reforma radical da economia eslovaca, hoje uma das que mais crescem no mundo. Agora, Martin não está só convencido de que um dia, assim que tiver economizado dinheiro suficiente, vai voltar para a universidade para obter o doutorado que eu recomendei que não fizesse; acima de tudo, ele tem certeza de que seu sucesso profissional em política e economia tem sido em grande parte devido à sua capacidade de pensar problemas complexos sem perder a capacidade de criar suas próprias soluções e visões originais.

Penso que, entre os principais desafios para as humanidades do futuro, estarão os desafios de inventar e criar classes e formatos de ensino que contribuam para o desenvolvimento de talentos como Martin Bruncko, em vez de agir como se todos os alunos de nossos cursos fossem se tornar nossos futuros colegas.

– Pergunta: Sou professor do ensino médio e, portanto, estou naturalmente interessado nas formas de ensinar assuntos humanísticos para os alunos mais jovens. Você acredita que existem abordagens específicas? Outra pergunta: você está de acordo com o que penso, a partir de sua palestra, que os alunos mais jovens geralmente são melhores praticantes de "pensamento de risco" do que seus colegas mais avançados?

– Resposta: Em princípio, eu concordo. Diz-se frequentemente que a mente “não corrompida” dos alunos mais jovens – e até mesmo das crianças – mostra sabedoria incrível e ousada filosofia (“ousadia” e “sabedoria” são aqui qualidades

relacionadas). Mas eu não quero ir muito além, porque – e aqui eu concordo com o filósofo francês Jean-François Lyotard – o pensar é agradável e doloroso ao mesmo tempo, e não apenas agradável. Ou talvez possamos dizer que, de uma maneira não muito diferente de certas formas de experiência erótica, dor e dificuldade em pensar fazem parte – e condição – do prazer de pensar. Você não disse isso explicitamente, mas provavelmente seria um erro associar filosofia e humanismo com mentes jovens, se o pensamento por trás disso fosse o de que as humanidades – ao contrário, por exemplo, da matemática – oferecessem apenas coisas agradáveis.

Talvez alguém possa e deva chegar ao ponto de dizer que as universidades devem cultivar, dentro dos limites da autenticidade, uma imagem de dificuldade. Porque, primeiro, o caráter de seu conteúdo é difícil; mas também porque, pelo menos até certo ponto, sendo difícil e desafiador, ele acaba por tornar o mundo acadêmico mais atraente. Com a finalidade de atrair novos estudantes, muitas universidades na Alemanha, na medida em que se tornam mais independentes financeiramente e operacionalmente (e, portanto, mais expostos à concorrência), introduziram a instituição do *Kuscheltage* – uma palavra certamente muito estranha e difícil de traduzir que significa algo como “dias de abraço” – em que os alunos mais avançados, administradores e professores universitários fazem de tudo para mostrar para os futuros estudantes que eles querem atrair para entrar na universidade, a mensagem de que a vida e o aprendizado nela serão muito fáceis, e que não há uma lacuna ou transição entre o ensino médio e a faculdade. Isto é certamente contraproducente acima de tudo, porque temo que com essa estratégia as universidades percam a atratividade ao invés de conquistá-la.

Mas o que estou dizendo aqui não implica uma defesa artificial da distância entre a universidade e seu ambiente. Pelo contrário, penso, por exemplo, que é importante, pelo menos às vezes, que meu entusiasmo por certos textos, autores e problemas se torne contagioso para meus alunos. Alguns anos atrás, em um curso intitulado *Beauty Objects* (Objetos de Beleza), que serviu de introdução às humanidades para várias centenas de calouros de Stanford (primeiro em espanhol, depois na tradução para o inglês) eu analisei um texto do grande poeta Federico García Lorca intitulado “Pequena valsa vienense”. Este texto, sem dúvida, é muito doce e, ao mesmo tempo, possui imagens marcantes do amor homoerótico. E enquanto eu lia o poema para meu grande público jovem, meus olhos se encheram de lágrimas principalmente porque eu lembrei do tipo de vida miserável que homens gays como García Lorca levavam na cultura ocidental da primeira metade do século XX. Meus alunos estavam impactados – alguns deles até pensaram que eu mesmo era homossexual (o que, até onde eu sei, não é o caso). Mas, independentemente de

tais projeções biográficas, senti que havia tido êxito simplesmente não tentando suprimir minhas próprias emoções como leitor.

– Pergunta (de um colega que acompanhou a palestra de Kyoto por videoconferência): Você parece acreditar que o ensino presencial, o estar sentado junto em torno de uma mesa, por exemplo, é uma condição importante, se não decisiva ou mesmo necessária, para que ocorra o “pensamento de risco”. Agora, como você vê, estou acompanhando sua palestra por videoconferência aqui de Kyoto. Você realmente acha que usufruí menos dela, e que sou menos inspirado do que as pessoas sentadas com você naquela sala da Universidade Keio?

– Resposta: Sua pergunta mostra – ou, pelo menos, me dá esperança – de que você acompanhou minha palestra com interesse. E é claro que eu evidentemente prefiro que você tenha feito isso por videoconferência antes que eu perca totalmente a oportunidade de apresentar meus argumentos para você. Então seria errado pensar que tenho um preconceito quase ideológico, preto no branco, contra todos os tipos de conhecimento remoto. Ainda assim, acredito profundamente que aprender juntos, aprender de forma presencial, pode alcançar uma eficácia maior do que poderia se alcançar lendo um livro ou participando em uma videoconferência. Por que estou dizendo isso? Eu odeio admitir que realmente não sei. Estou confiando apenas em minha intuição, mas espero que muitas pessoas compartilhem desta mesma intuição. Como eu disse, uma das grandes ameaças à universidade como a conhecemos é sua substituição por dispositivos de ensino à distância – e se isso acontecer, pessoas como eu teriam que transformar uma intuição (no momento, nada além de uma intuição) de que existe uma eficácia específica na aprendizagem presencial em experimentos que validassem esse ponto de vista.

– Pergunta: Existe alguma reforma em andamento nos modos e processos de ensino-aprendizagem em Stanford, especialmente nas ciências humanas? Se sim, você e sua ideia de “pensamento de risco” têm alguma influência sobre essas reformas?

– Resposta: Do ponto de vista estritamente formal e institucional, devo dizer que não tenho nenhuma influência em Stanford; especialmente porque nunca ocupei qualquer cargo ou função administrativa importante lá (eu vou me aposentar, a propósito, em cerca de dez anos, sendo um dos poucos professores que nunca tiveram uma função administrativa em suas vidas). Por outro lado, não tenho uma “teoria da conspiração” para explicar minha ausência da administração – prefiro dizer que sou feliz pelo fato de que minha universidade nunca me colocou na situação de enfrentar

tais possibilidades e obrigações. Na última década, Stanford introduziu duas grandes mudanças no ensino de ciências humanas a estudantes de graduação, especialmente nos seus primeiros dois anos. A mudança profunda foi substituir a tradição de quase cem anos de cursos sobre o “cânone” (“Grandes obras”, “Culturas, ideias, valores”, etc.) para aulas focadas em tópicos específicos, que devem atender a certos requisitos de distribuição. Independentemente de tópico específico, eles precisam ensinar certas habilidades necessárias para as humanidades, e eles também precisam prestar atenção à diversidade cultural e social, por exemplo. No momento, no entanto, e apesar do meu entusiasmo por esse projeto (eu já ministrei vários cursos no passado), eles têm uma reputação bastante negativa entre nossos alunos. Três trimestres acadêmicos representam muito tempo investido em um curso básico de humanidades, e isso é demais para eles. Muito mais populares são os chamados “Seminários Introdutórios de Stanford”. A administração da universidade tenta recrutar professores da categoria mais alta (alguns deles, ganhadores do Nobel de nossa universidade) para projetar e organizar cursos em pequenos grupos (entre sete e dezesseis estudantes) em torno de tópicos monográficos relacionados às investigações em andamento. A ideia, surpreendente e libertadora ao mesmo tempo, é colocar os alunos nos níveis mais elementares frente a frente com problemas e estratégias de pesquisa mais avançadas. Esses cursos não são apenas populares entre nossos alunos, como também há muitos professores que se candidatam ativamente para ensinar qualquer um deles (em menor grau – e não quero sugerir que isso seja ruim – porque a universidade paga um salário extra para aqueles que os ensinam). Infelizmente, no entanto, talvez haja muitos professores hoje que desejam ministrar os “Seminários Introdutórios de Stanford”. Eu digo “muitos”, apesar de confiar neles e respeitar praticamente todos os meus colegas da universidade, o que não era o caso nas universidades em que eu ensinei antes, especialmente na Europa. O problema é, ou poderia ser, que a própria ideia perde seu elemento central se os instrutores em que Stanford confia não têm um projeto de investigação realmente claro e que entusiasme. No caso em que o professor apresenta esse valioso projeto próprio, esses cursos para estudantes do primeiro e do segundo ano podem realmente ser um formato e um instrumento de sucesso no ensino acadêmico.

– Pergunta: Francamente, estou surpreso com a sua associação das humanidades com o “pensamento de risco”. Sim, o estilo de pensar que você descreve

sob esse nome é sedutor e certamente social e culturalmente apropriado. Mas eu acho que é praticado muito mais – e muito mais naturalmente – fora das humanidades. Como você provavelmente sabe, a Faculdade de Direito de Stanford, por exemplo, é conhecida mundialmente por desenvolver novas ferramentas legais relacionadas a todas as formas de comunicação eletrônica. Esse debate poderia ser seu melhor exemplo de “pensamento de risco”, em vez de falar sobre a leitura dos clássicos literários do ocidente.

– Resposta: Acredite, eu não sugeri – e muito menos queria fazer isso – que “apenas humanidades” são capazes de pensamento com risco, no sentido de que elas apresentam uma vocação específica para esse tipo de pensamento. Desde já, concordo que podemos apresentar uma série de exemplos de brilhante estilo intelectual extraídos de muitas disciplinas acadêmicas fora das humanidades e também, certamente, vindos de fora da universidade.

Então, por que eu lhe dei essa impressão errada – e certamente foi minha responsabilidade fazer isso? Bem, talvez apenas, antes de tudo, porque sou humanista e me pediram para falar sobre humanidades na universidade contemporânea e nas universidades do futuro. Mas talvez eu poderia acrescentar uma razão e uma expectativa um pouco menos banais ao responder sua pergunta. As disciplinas e campos como medicina, os estudos jurídicos ou de engenharia têm a função eminente de transmitir o conhecimento profissionalmente relevante e também de solução de problemas. Além disso, é certo que costumam produzir “pensamento de risco” no mais alto nível de complexidade e qualidade. Para as humanidades, no entanto, e isso com raras exceções, o “pensamento de risco” é – receio, e ao mesmo tempo, espero – o único argumento de verdadeiro peso que pode se exibir, sua única função que não é “artificial”. Mas, como você vê, isso não é uma perspectiva ou uma resposta que eu tente conferir às humanidades uma supremacia (como humanistas têm feito há séculos, frequentemente com argumentos francamente ridículos). Mais uma vez, e eu não me importo que seja assim, as humanidades aparecem no meu argumento como os “parentes pobres”. E assim como os parentes pobres às vezes enfatizam seus valores éticos para compensar sua pobreza, talvez eu tenha enfatizado demais o potencial que o “pensamento de risco” tem nas humanidades, a fim de compensar sua irrelevância na transmissão de conhecimento profissional e na resolução de problemas relevantes e práticos.

HANS ULRICH GUMBRECHT é professor emérito do Departamento de Literatura Comparada, Divisão de Literaturas, Linguagens e Culturas da Universidade de Stanford. É amplamente reconhecido pela sua contribuição no campo da teoria literária e do pensamento moderno que se estende da Idade Média até os dias de hoje, tendo incorporado uma variedade de disciplinas e estilos. Suas principais reflexões se relacionam à estética da recepção, às experiências estéticas e materiais, à produção de presença e aos entendimentos culturais que permeiam as relações de mundo. Suas principais obras são: *A modernização dos sentidos* (1998), *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir* (2004), *Atmosfera, ambiência e stimmung* (2012), e *Depois de 1945: latência como origem do presente*, lançado em 2013 e traduzido para várias línguas. Gumbrecht possui dez títulos honorários em diversas universidades alemãs, tendo sido professor visitante na Universidade Católica de Santiago, no Chile, em 2013, e, em 2018, no âmbito de um programa de intercâmbio desenvolvido pela Universidade de Stanford. Foi membro sênior da Associação Martin Buber de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade Hebraica de Jerusalém em 2019.